

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Proprietário: A CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Publicação: Incluído o Suplemento semanal,  
Lisboa, 950; Provença, 1.000; Estrangeiro,  
1.200.  
Ano VII, 1932

# A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia  
CALCADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 5339 CENTRAL  
Câmaras de Impressão e Estereotipagem  
RUA DA ATALAIA, 114 e 115  
Este jornal não se publica às segundas-fei-  
ras. Não se devolvem os originais. — Dos arti-  
gos publicados são responsáveis os seus autores

SÁBADO, 14 DE MARÇO DE 1932 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 1932

## A CAÇA AOS VOTOS

Está o *Seculo* convertido em manifesto eleitoral. O *Seculo* das antigas tradições populares, pede o voto, sabem para quem? Para as forças-vivas. Para os assambradores, para os homens da finança, para os especuladores do povo.

Tudo isto é feito com o ar de prestar um grande serviço à indústria, à agricultura, ao comércio, quando se não trata, afinal, senão de prestar um serviço aos exploradores que assambraram a indústria, a agricultura e o comércio, e de tudo isso se aproveitam em quasi seu exclusivo proveito. A indústria é a vergonha que todos nós sabemos, porque o patronato quer apenas ganhar e não gasta um pataco com a renovação da maquinaria, queixando-se da exiguidade de produção que é atribuída às 8 horas de trabalho e que é em regra devida ao antiquado do material empregado. A agricultura manifesta-se pela riqueza em baldios, em terras incultas, porque os detentores do terreno impedem que ele seja trabalhado para não baratear os produtos. O comércio é a ladroeira que todos nós conhecemos, por sermos todos as suas vítimas.

Quem é que está disposto a dar o seu voto a toda esta súpica de especuladores? Quem terá o descôco de ir contribuir para a eleição do banqueiro A, ao qual se deve a especulação cambial e a baixa do escudo, ou para a eleição do industrial B, que enriqueceu durante a guerra e hoje faz pressão sobre os operários para lhes reduzir o salário, ou para a eleição do proprietário agrícola C, que dispõe de grandes latifúndios no Alentejo, cuja cultura lhe impede, explorando na parte cultivada os trabalhadores rurais e fazendo intervir constantemente a guarda republicana quando eles reclamam melhoria de situação, ou, finalmente, para a eleição do comerciante D, que tanto se evidenciou na alta dos preços, acusando a República da carestia da vida por causa da baixa de câmbio e que agora se recusa a descer os preços apesar da alta cambial?

Por mais que o *Seculo* badale no sino grande, proclamando ao público a conveniência de dar o seu voto aos donos da mesma gazeta, ninguém já acredita nisso. De facto só votarão com as forças-vivas os cúmplices ou os inconscientes, ou quando não inconscientes os miseráveis sem independência moral que se encontram enfeudados a essa gente. E o *Seculo*, mantendo esta ignóbil campanha eleitoral, não faz senão reneugar mais uma vez o seu passado, colocando-se mais vezes os interesses do povo ao lado dos homens de que depende monetariamente.

Que miséria moral que tudo isto é...

## A lista sangrenta do Riff

Números que convém relembra-  
Nesta ocasião, em que Primo de Rivera se está preparando — segundo nos informam — para sacrificar um novo exército na região do Riff, será bom lembrar o número de baixas que custou a célebre retirada estratégica de 1924. Os seguintes números, números oficiais, ainda estão longe da verdade. Foram tirados do «Boletim Oficial do Ministério da Guerra»:

O número de oficiais (incluindo um general) que morreram de Junho a Dezembro de 1924 atinge 190. Falta a este total os desaparecidos, cujo número se calcula ser sessenta, pouco mais ou menos. Segundo a proporção oficial, a esta quantidade de mortos deve corresponder uns 700 feridos.

No que diz respeito aos soldados, morreram nessa retirada 3.800 homens e houve 14.000 feridos.

Segundo os dados recolhidos, sempre incompletos, calcula-se em 2.500 o número de desaparecidos.

Na lista sangrenta de Primo de Rivera consta, pois, nada menos de 21.250 homens perdidos numa só retirada...

## Morte de um diplomata italiano

ROMA, 13. — Os jornais referem-se à morte do diplomata italiano sr. Levy. O sr. Levy foi encontrado próximo da linha de caminho de ferro do Colongo próximo de Lyon. Supõe-se que caiu da portinhola do expresso, havendo também quem suspeite que a sua morte foi devida a um crime. (R.)

## É PRECISO AGIR E QUANTO ANTES

contra a projectada ditadura reaccionária e económica que as «forças vivas» planeiam

A acção do operariado contra a planeada dominação reaccionária a que visam as «forças vivas», tem que ter mais vigor e continuidade. A não ser assim, o facto anunciado pode vir a registar-se e então os seus efeitos serão piores para o operariado e para os homens de ideias desmpeiradas que o acompanharam nos seus protestos.

Nos últimos dias os boatos de revolução conservadora voltaram a ser assunto de todas as conversas e esta revolução, que é apenas um assalto ao poder, como tantas vezes tem acontecido, diz-se que é obra dos reaccionários. Já se sabe o que eles pretendem, pelo menos os seus órgãos na imprensa, como o *Seculo* à frente, têm-no dito clara e insistentemente. Portanto, a atitude do operariado, aliás já demarcada, tem de ser inconfundível e decidida.

Já aqui foi dito e não é demais repeti-lo: o operariado lutando contra a reacção política, por intermédio da sua Organização, não faz política de compadrio, nem se coloca no terreno dessa baixa política, mas, se política há neste caso ela é lógica e humana, visto que o seu objectivo é impedir que as péssimas condições económicas e morais em que se vive, sejam substituídas por outras muitíssimo piores, como no-lo dão a entender, claramente, as afirmações dos que manejam na sombra.

Porque, sabe-se muito bem, as «forças vivas» — que, pela situação a que foram levadas na sua ambição, são forças reaccionárias — não pretendem a existência de mais liberdade e de mais bem estar; elas querem, precisamente, liquidar as possibilidades que existem de o povo explorado reclamar mais liberdade e mais bem-estar, o que as irrita visto entenderem dever regular a vida do trabalhador, moral e economicamente, a seu belo-prazer e conveniência.

Os seus órgãos na imprensa gritam e barafustam, que não é sua intenção cercar liberdades e regalias, mas já sabemos que é uma maneira hipócrita de encobrir a velha intenção que as anima e que se traduzem nos incitamentos constantes ao estabelecimento de governos de força. Governo de força para quê?

Para meter na ordem as próprias forças vivas que, afirmando-se ordens desorganizadas a moral procedendo criminoso e egoisticamente nas suas relações com o povo quando as adulteram e especulam com os géneros de que este necessita?

Para obrigar as «forças vivas» a restituir à colectividade um pouco do muito que elas arrecadam, aos trabalhadores os meios de vida dignos e ao Estado o que ele necessita para manter o predomínio em que elas se apoiam?

Não podem, pois, restar dúvidas, seja a quem for, a respeito das intenções das «forças vivas» que tendo nas suas mãos a indústria, a agricultura, o comércio e a finança, colocam o país no estado ruinoso em que se encontra.

Sendo assim, o operariado e quem o queira acompanhar não tem que vacilar perante a realidade. Nos Sindicatos e por seu intermédio necessita-se uma acção intensa que esteja de acordo com os interesses da colectividade.

E estes são as necessidades que só se satisfazem, desde que haja forte solidariedade dos indivíduos expoliados na acção contra o inimigo. Fora dos Sindicatos, tendo portanto cada um a liberdade de se entregar aos credos políticos partidários que entenda, proceda cada trabalhador como julgar conveniente aos pontos ideológicos que abraça, mas proceda sempre. E com a agitação que os Sindicatos realizem na sua esfera de política geral e os indivíduos no seu âmbito partidário, sem fraquezas que não se justificam, é possível opôr-se a uma barreira à onda reaccionária, evitando-se desta forma a perca da escassa liberdade e o regresso do país a um estado político de desastrosas consequências económicas e sociais.

## Desarmamento e «controle» militar na Hungria

Durante a discussão do orçamento pela Assembleia Nacional, o orçamento da Defesa, afirmou que a Hungria estava completamente desarmada e que ela tinha cumprido todas as obrigações impostas pelo Tratado de Paz.

O controle militar, disse ele, é, pois, superfluo na Hungria.

O conde Csaky protestou contra o facto de que, a pesar das decisões tomadas pela Sociedade das Nações, a Hungria não foi ouvida na ocasião de se fixar o sistema de investigação e fez notar que a Hungria não cessou nunca de declarar que lhe era impossível subvencionar as despesas consideráveis que lhe fez suportar o sistema do serviço mercenário. «A Hungria cumpre todas as suas obrigações, enquanto os seus vizinhos se armam simultaneamente e de uma forma inaudita. E, pois, impossível pretender que a Hungria pense em perturbar a paz. O Tratado de Paz estipulou que o nosso desarmamento era um primeiro passo para o desarmamento dos outros países. Este primeiro passo já o demos há muito tempo, mas continuamos a esperar que se dê o segundo. O conselho da Sociedade das Nações fixou uma cifra mínima para as armas de cada nação, e por conseguinte tomou o compromisso de reduzir os exercícios. Cumprimos todas as nossas obrigações a este respeito. Pedimos agora que as outras potências cumpram igualmente com os seus deveres».

## No parlamento italiano

Acusações a fascistas que provocam um tumulto

ROMA, 13. — O deputado comunista Maffei acusou vários deputados fascistas de terem enriquecido com negócios escuros. Os fascistas interromperam aquele deputado violentamente, tendo-se trocado entre eles e os comunistas injunctivas e insultos da máxima violência. — (R.)

## DA HORA QUE PASSA

A carestia das eleições

Confidências dum candidato que desiste de lutar pelo seu «fauteuil»

— Não! A verdade é que está tudo muito caro. Até a morte. Se não fosse umas propriedades que posso na província, e uns dividendos numas companhias que não têm sido infelizes, a verdade é que não sei como poderia fazer face aos encargos tremendos da carestia da vida. Dei agora por isso, porque morreu-me um parente, e gastei quasi uma fortuna com os médicos e o enterro. Apre está tudo muito caro! Até as eleições.

— A fúria do negócio até já chegou ali, e montou o seu balcão. Não se pode ser candidato ao «fauteuil» parlamentar, sem com isso nos dispormos a gastar uma fortuna. Estou mesmo em acreditar que a maior parte das escandaleiras que para aí se praticam, não visam a outro fim, senão a riqueza para fazer face aos encargos da campanha eleitoral.

— Mas então é assim tão caro, o preço de uma eleição?

— Faz lá ideia. Começa porque um candidato tem que abandonar os seus negócios, e dispor-se a fazer uma série de viagens, para iniciar a sua propaganda.

— Mas isso já se fazia antigamente. Parece que isso sempre foi assim.

— E ainda é, mas com umas alterações que atraino o preço da eleição para uma exorbitância.

— E' promover uma reunião de protesto. Uma reunião de candidatos que...

— Não se ria. O caso é muito sério. Sei de colegas meus que estão em risco de não levarem a efeito a sua candidatura porque lhes não chega o dinheiro.

— Mas então os amigos?

— Quasi amigos. Hoje nada se faz sem dinheiro. Antigamente a coisa fazia-se muito bem, economicamente. Com duas pipas de vinho, e uma dúzia de pratos de carneiro com batatas, levava-se uma região a votar em quem nos ajudava. Agora? A coisa já não é mais assim.

— O povo está mais educado.

— Seja educado, ou não, isso não interessa. Com duas ou quatro pipas, com carneiro ou sem carneiro, o caso é que tem que haver quem lhes faça ingerir o vinho, os entusiasmos, e lhes meta a lista na mão. Ora aqui está o grande mal. Os influentes é que são eixos da questão.

— Mas se são eles tudo vai bem. Que diabo! Eles não devem ser muito exigentes.

— Pois é onde o senhor se engana.

— Querem empregos. Concessões.

— Mais do que isso! Muito mais. Não querem esperar.

— Compreende. Os empregos só se podem arranjar depois do candidato estar já reimpado no seu «fauteuil» na Câmara. Ora os influentes de hoje não estão para estar à espera. Fia mais fino.

— Já não fiam...

— E' isso mesmo, já não fiam.

— Então o que é que eles querem agora?

— Começam por pedir avultadas quantias para a propaganda. Empregando a linguagem da época: metem a sua comissãozinha. Enfim, fazem da propaganda um autêntico negócio. Arvoram-se em agentes de publicidade.

— Não contentes com isso, depois de nos levarem os olhos da cara, têm o atrevimento de pedir comparticipação com uma cota, na direcção de algumas empresas e companhias. E é para quem quer. E' o que eu lhe dizia. E' a fúria do negócio chegando a toda a parte. Eu por mim cheguei: Estou muito convencido que desisto da candidatura.

— E a conversa destes dois amigos derivou depois para a projectada revolução conservadora...

## Os Cirineus do balcão e da alta banca

A propósito da notícia e dos comentários que fizemos anteontem sobre a morte desse saltador tam célebre na Beira Lixa, como o dr. Afonso Costa em Lisboa, o *Seculo* sentiu-se melindrado na sua honestidade de defensor dos pacíficos saltadores da alta banca e do balcão. E espirrou umas insinuações jesuíticas e torpes. Espirrou umas insinuações venenosas, hipócritas transcrevendo alguns trechos nossos — os que melhor lhe convieram — para deixar no espírito do público a impressão de que nós defendemos o banditismo. Estamos vendo daqui o honrado comerciante e o honesto industrial esfregando as mãos de contentamento pela maneira hábil como o seu cão de guarda os defende.

Causou muita impressão aos nervos melindrosos do nosso adversário aquela frase tão humana, tão verdadeira com que nós comentávamos a vida do tal Cirineu: «como a sociedade transforma um homem honesto num ladrão vulgar». Não gostaram as «forças vivas» que nós acusásemos a sociedade de ter feito mais um criminoso. E se, comentando a morte do desgraçado, dissemos que não seria ele talvez o pior bandido que merecesse uma bala cruel de espingarda é porque realmente é, a despeito dos seus assaltos e dos seus roubos não chegou a causar tantos prejuízos e transtornos, como os assaltos sistemáticos que outra quadrilha bem mais perigosa, vem dando há longos anos à bolsa do povo e aos cofres do Estado. Não defendemos o «Cirineu» Actos de banditismo não encontramos defesa neste jornal; quando muito poderão encontrar explicação

clara, o que é bem diferente. O que não podemos deixar de dizer é o que o *Seculo*, órgão duma quadrilha organizada e impune — as forças vivas — pretende ocultar: é muito mais simpático um Cirineu roubando e distribuindo o fruto do seu roubo pelos seus semelhantes, do que o merceeiro sordido que furtava à sombra da lei, e mesmo fora da lei, que envenena os géneros e, impando de fortuna, é cego à miséria que o cerca e surdo aos apêllos angustiosos dos párias. Entretanto o *Seculo*, com toda a sua moralidade, defende o merceeiro e chama bandido ao Cirineu. Nós, que combatemos os assaltos de um e de outro, nós que não vendemos pão, que não negociamos em farinhas, que não assambramos açúcar, que não roubamos as alfândegas, que não iludimos o Estado no pagamento das contribuições; nós sim, nós temos autoridade moral para acusar o Comércio, a Indústria, a Agricultura e a Alta Banca de possuírem instintos mais ferozes e brutais do que o Cirineu. Este roubou muito e morreu pobre, perseguido, lutando com uma arma na mão — morreu como um Homem. Os outros roubando muito mais do que o Cirineu — sem correrem os riscos que ele correu — morreram de gôta ou de indigestão, que é morte luxuosa e só para ricos.

Cremos que o Cirineu, a despeito da degradação moral onde a vida de perseguido o obrigou a descer, não seria capaz de, como os seus patriotas, administrar a favor dos alemães os bens que, durante a guerra, o estado português confiscou. Todos os roubos e assaltos do Ci-

rineu são mesquinhos junto dos escandalos dos Transportes Marítimos, da Exposição do Rio de Janeiro ou dos discos da Casa da Moeda. Estas falcaturas seriam indignas do saltador da Beira.

As «forças vivas» é que são honestas e o seu órgão arroga-se autoridade moral para condenar o Cirineu. E, enquanto este, depois de assaltar um depósito de calçado, distribuía botas aos descalços, tranquilamente, iriam alguns directores ilustres da Sociedade «Aliança» produzir um detalhe de 12.000.000\$00 (doze mil contos) e guardavam-no todo. Vamos, que surja agora o *Seculo* a lamentar a sorte das «forças vivas»...

E são estes honrados saltadores que se cotizam entre si, compram um jornal por dez mil contos, alugam a consciência dum homem para dirigi-lo e aculam-no como a um cão contra o povo, contra os trabalhadores.

E são estes Cirineus da pior espécie, estes Cirineus degenerados, já sem brio, sem «panache», incapazes de atacar de frente, que se permitem censurar o outro, o pobre diabo que apenas roubava os que tinham algo que perder.

Olhe-se o país, de norte a sul, de cabo a preajo, e veja-se os estragos, os prejuízos que o assalto sistemático da grande quadrilha — a oligarquia financeira — tem produzido: as indústrias atrofiadas, as terras incultas, as escolas derreado, e uma população ignorante, faminta, abandonada, gemendo e pagando para os honrados Cirineus viverem à grande e possuírem um jornal para insultar os explorados.

## O movimento pró-Educação Popular

Na sessão de ontem na Sociedade de Geografia foi aprovada a criação da Liga de Acção Educativa

Foi enorme a concorrência que aplaudiu entusiasticamente os oradores

Realizou-se ontem na Sociedade de Geografia, a anunciada sessão pública para serem apresentados os alvitres da comissão nomeada na sessão de Agosto do ano findo promovida pela Associação de Professores de Portugal sobre a maneira de se levar a cabo um movimento pró-educação popular.

A assistência, que era numerosa, compunha-se na sua maioria de operários e enchia completamente, às 21 horas, a sala Algarve. Minutos depois reconhecendo-se que a sala era exigente para os assistentes que continuavam a aumentar, foi a sessão transferida para a sala Portugal, por ser mais vasta. Entre a assistência viam-se bastantes senhoras.

A sessão iniciou-se próximo das 22 horas e foi presidida pelo dr. sr. Pedro José da Cunha, secretário dr. Beatriz de Magalhães e o nosso camarada Manuel da Conceição Afonso.

O dr. sr. Reis Santos recorda a avalanche da guerra que tudo revolveu: terras e sociedades. Foi ela que deu lugar à formação da Internacional dos Trabalhadores do Ensino. Ao apelo desse organismo respondeu, neste país, um modesto professor de província, que fundou a Associação de Professores de Portugal. Expõe rapidamente a curta mas brilhante vida desta agremiação. É necessário — diz — reagir contra as miseráveis condições «morais e materiais em que se encontra o povo português. O problema basilár é a instrução do povo. Defende calorosamente a criação da Liga de Acção Educativa, considerando-a como um forte motor capaz de produzir uma transformação redentora.

Termina por ler as conclusões do estudo a que chegou a comissão nomeada em Agosto do ano findo e que passamos, na íntegra, a reproduzir:

Resolve-se que cada indivíduo e cada organismo social, dentro das possibilidades máximas da sua concepção de ideologia social e dos seus coerenes e consequentes meios de acção, desenvolvam simultaneamente uma propaganda intensa, profunda e geral a favor de uma educação humana e humanitária, tanto escolar, como extra-escolar.

Para efectivar esta resolução preconizada se os seguintes concomitantes meios de acção:

— Pugnar por uma organização de educação que obedeça a uma orientação sociológica e em que estejam ligadas, concatenadas numa acção solidária e num ideal comum, todas as instituições de carácter educativo que se encontram dispersos, isto é, reunir todas essas instituições sob um só órgão (Ministério da Instrução Pública, ou uma corporação formada com elementos tirados dos diferentes graus e espécies de ensino);

— Pugnar por que todas as escolas e organismos escolares façam parte de um todo sistematizado, de modo que haja unidade de ideal, convergência de forças e se evitem duplicações, triplicações, etc., de órgãos raquíticos mero de uma concorrência desinteligente, isto é, realizado o primeiro desideratum, proceder ao saneamento e à organização inteligente e previdente do ensino;

Realizou-se ontem na Sociedade de Geografia, a anunciada sessão pública para serem apresentados os alvitres da comissão nomeada na sessão de Agosto do ano findo promovida pela Associação de Professores de Portugal sobre a maneira de se levar a cabo um movimento pró-educação popular.

A assistência, que era numerosa, compunha-se na sua maioria de operários e enchia completamente, às 21 horas, a sala Algarve. Minutos depois reconhecendo-se que a sala era exigente para os assistentes que continuavam a aumentar, foi a sessão transferida para a sala Portugal, por ser mais vasta. Entre a assistência viam-se bastantes senhoras.

A sessão iniciou-se próximo das 22 horas e foi presidida pelo dr. sr. Pedro José da Cunha, secretário dr. Beatriz de Magalhães e o nosso camarada Manuel da Conceição Afonso.

O dr. sr. Reis Santos recorda a avalanche da guerra que tudo revolveu: terras e sociedades. Foi ela que deu lugar à formação da Internacional dos Trabalhadores do Ensino. Ao apelo desse organismo respondeu, neste país, um modesto professor de província, que fundou a Associação de Professores de Portugal. Expõe rapidamente a curta mas brilhante vida desta agremiação. É necessário — diz — reagir contra as miseráveis condições «morais e materiais em que se encontra o povo português. O problema basilár é a instrução do povo. Defende calorosamente a criação da Liga de Acção Educativa, considerando-a como um forte motor capaz de produzir uma transformação redentora.

Termina por ler as conclusões do estudo a que chegou a comissão nomeada em Agosto do ano findo e que passamos, na íntegra, a reproduzir:

Resolve-se que cada indivíduo e cada organismo social, dentro das possibilidades máximas da sua concepção de ideologia social e dos seus coerenes e consequentes meios de acção, desenvolvam simultaneamente uma propaganda intensa, profunda e geral a favor de uma educação humana e humanitária, tanto escolar, como extra-escolar.

Para efectivar esta resolução preconizada se os seguintes concomitantes meios de acção:

— Pugnar por uma organização de educação que obedeça a uma orientação sociológica e em que estejam ligadas, concatenadas numa acção solidária e num ideal comum, todas as instituições de carácter educativo que se encontram dispersos, isto é, reunir todas essas instituições sob um só órgão (Ministério da Instrução Pública, ou uma corporação formada com elementos tirados dos diferentes graus e espécies de ensino);

— Pugnar por que todas as escolas e organismos escolares façam parte de um todo sistematizado, de modo que haja unidade de ideal, convergência de forças e se evitem duplicações, triplicações, etc., de órgãos raquíticos mero de uma concorrência desinteligente, isto é, realizado o primeiro desideratum, proceder ao saneamento e à organização inteligente e previdente do ensino;

Realizou-se ontem na Sociedade de Geografia, a anunciada sessão pública para serem apresentados os alvitres da comissão nomeada na sessão de Agosto do ano findo promovida pela Associação de Professores de Portugal sobre a maneira de se levar a cabo um movimento pró-educação popular.

A assistência, que era numerosa, compunha-se na sua maioria de operários e enchia completamente, às 21 horas, a sala Algarve. Minutos depois reconhecendo-se que a sala era exigente para os assistentes que continuavam a aumentar, foi a sessão transferida para a sala Portugal, por ser mais vasta. Entre a assistência viam-se bastantes senhoras.

A sessão iniciou-se próximo das 22 horas e foi presidida pelo dr. sr. Pedro José da Cunha, secretário dr. Beatriz de Magalhães e o nosso camarada Manuel da Conceição Afonso.

O dr. sr. Reis Santos recorda a avalanche da guerra que tudo revolveu: terras e sociedades. Foi ela que deu lugar à formação da Internacional dos Trabalhadores do Ensino. Ao apelo desse organismo respondeu, neste país, um modesto professor de província, que fundou a Associação de Professores de Portugal. Expõe rapidamente a curta mas brilhante vida desta agremiação. É necessário — diz — reagir contra as miseráveis condições «morais e materiais em que se encontra o povo português. O problema basilár é a instrução do povo. Defende calorosamente a criação da Liga de Acção Educativa, considerando-a como um forte motor capaz de produzir uma transformação redentora.

Termina por ler as conclusões do estudo a que chegou a comissão nomeada em Agosto do ano findo e que passamos, na íntegra, a reproduzir:

Resolve-se que cada indivíduo e cada organismo social, dentro das possibilidades máximas da sua concepção de ideologia social e dos seus coerenes e consequentes meios de acção, desenvolvam simultaneamente uma propaganda intensa, profunda e geral a favor de uma educação humana e humanitária, tanto escolar, como extra-escolar.

Para efectivar esta resolução preconizada se os seguintes concomitantes meios de acção:

— Pugnar por uma organização de educação que obedeça a uma orientação sociológica e em que estejam ligadas, concatenadas numa acção solidária e num ideal comum, todas as instituições de carácter educativo que se encontram dispersos, isto é, reunir todas essas instituições sob um só órgão (Ministério da Instrução Pública, ou uma corporação formada com elementos tirados dos diferentes graus e espécies de ensino);

— Pugnar por que todas as escolas e organismos escolares façam parte de um todo sistematizado, de modo que haja unidade de ideal, convergência de forças e se evitem duplicações, triplicações, etc., de órgãos raquíticos mero de uma concorrência desinteligente, isto é, realizado o primeiro desideratum, proceder ao saneamento e à organização inteligente e previdente do ensino;



em nome do grupo anarquista «O Semeador» diz que a educação é a ferramenta mais eficaz da transformação social. E' ela que precisa de um plano capaz de exercer na vida a sua missão social. Os anarquistas não podem ser indiferentes a esta questão de energias, ao reavivamento das ciências que se está produzindo no campo educativo. E como várias correntes de opinião se tem exprimido, o mesmo direito assiste à corrente de ideias em que está integrado.

Os anarquistas não são inculcos nem desordeiros; tam pouco os ideólogos são culpados de certos contractos morais e suspiros.

A questão social não se resolve pela bomba arremessada com inconsciência. A violência só é justificável no movimento revolucionário.

Termina lendo um parecer do grupo que representa e no qual se defende uma educação liberta de todos os dogmas e preconceitos. Só se devem ensinar verdades demonstradas. O ensino não pode ser laico, nem religioso nem evadido duma pseudo-ciência.

O sr. Ernesto Coelho declara que a União do Professorado Primário auxiliará este movimento. As reformas da educação são eficazes quando partem de baixo para cima. As que se effectuam de cima para baixo estão erradas e condenadas inevitavelmente a fracassar. Termina apresentando um documento contendo vários alvites que, devido à hora avançada, não podemos reproduzir.

O dr. sr. Andrade Saraiva, da Federação das Cooperativas, afirma que a riqueza da humanidade está na instrução e educação. E' necessário aproveitar todos os valores morais e mentais que até à data têm sido desperdiçados. Combate o egoísmo dos que, possuindo o supérfluo, deixam o seu semelhante rebentar de fome.

Idio Santana, da Juventude Sindicalista, afirma que as Juventudes não são antros de bandidos mas sim escolas destinadas a formar consciências.

A educação deve fazer-se para formar homens para a vida e não autómatos e máquinas de produzir.

As Juventudes têm sido embaraçadas na sua acção educativa pela policia, que por vezes até tem saqueado e destruído as suas bibliotecas. Depois de afirmar que a existência do capitalismo está cimentada na ignorância dos povos, combate a escola religiosa e o seu Deus abstracto, a escola laica e os seus dogmas políticos e patrióticos.

Falam ainda os srs. Ladislau Batalha, que trás ao movimento a adesão da corrente socialista, Joaquim Amâncio Júnior e dr. Reis Santos, que apela para todos os presentes a fim de que se inscrevam na Liga da Acção Educativa.

O dr. sr. Pedro José da Cunha encerra a sessão, accorrendo a assistência em massa a inscrever-se na nova agremiação com tanto entusiasmo fundado.

**NO FORTE DE MONSANTO**  
Continuam presos, cujo lugar é no Limoeiro

Estive ontem naquelle forte o sr. Pestana Júnior, director das cadeias civis, tendo dito que só para terça ou quarta-feira iria resolver sobre a volta para a cadeia de onde vieram e onde devem estar.

Não seria já tempo de resolver este assunto, que só uma solução pôde ter?

Para o forte de Monsanto só podem ir indivíduos julgados e condenados, porque se teima em manter ali presos que aguardam julgamento?

**Nacional**  
Repete-se hoje a peça de Jacques Deval, VIVETTE, cuja representação entre nós está sendo um verdadeiro acontecimento.

**SUN-YAT-SEN**  
Confirma-se a noticia da sua morte

HONG-KONG, 13. — Confirma-se oficialmente a morte do dr. Sun-Yat-Sen, que se fazia apellidar presidente da República da China do Sul.

As suas últimas vontades

HONG-KONG, 13. — Sun-Yat-Sen, ex-presidente da República da China do Sul, que faleceu recentemente com 62 anos de idade, sofria há já bastante tempo de um cancro no fígado. Pediu a sua esposa que o mandasse embalsamar e que encerrasse o seu cadáver num caixão semelhante ao do seu amigo Lénine e que o fizesse enterrar em Nankin. — (R.)

NO REGIME DA GRAPULA E DA RAPINA

A sindicância aos re-  
lebres T. M. E.

A origem da questão—O afre-  
tamento dos navios—O con-  
trato com a Furness

Sr. redactor:—Por saber, por experiência feita, que nenhum jornal de Lisboa acolheria as preciosas e fide dignas informações que, mercê de circunstâncias especiais, posso sobre os tão falados escândalos dos Transportes Marítimos do Estado, resolvo bater à sua porta, certo de que v. m. abrirá, tratando-se, como se trata, de pôr em foco uma das proezas mais crapulosas da politica, sempre subordinada a interesses particulares inconfessáveis e nunca norteada pelo bem-estar da comunidade. E não dirá v. que estas minhas revelações sobre os T. M. E. vêm já fora de oportunidade, pois, como v. sabe, está a terminar uma sindicância que se arrasta gostosamente para os juizes há três anos e seis meses, e que apenas nos vai illicitar que houve empregados que, legal ou ilegalmente, requisitaram dois quilos de chouriço.

Vão ser os filhos do povo mais uma vez as vítimas dos grandes negociadores que, estando legalmente a gozar o fabuloso produto da sua obra nefasta, dão ordens a esses sindicatos para apurarem o inútil, desorientando o povo da verdadeira pista para o apuramento das responsabilidades.

Foi em março de 1916 que o povo de Lisboa foi sobressaltado com os estrondos do canhão, lá para as bandas do mar da Palha, assinalando, assim, o troar das salvas, que mais um povo ia entrar na famosa fôrnelha da guerra, que milhões de homens alimentaram com a sua vida, para aquecimento da grande banca inglesa contra a grande banca alemã.

Tomados os navios nessa data por uma imposição violenta da banca inglesa, cujo número de navios diminuía sensivelmente, o povo português deu os seus filhos para a chacinna no mar e em terra e agravou a sua divida com mais vinte e três milhões de libras, que tantos são os que devemos à nossa famosa aliada, que nos exigiu o sacrificio e agora nos exige o dinheiro.

E como foram levados esses navios? Os alemães tinham feito grande «sabotagem» nas máquinas e as suas reparações, bem como a sua limpeza em doca e pinturas, foram feitas de conta do tesouro português, que nada recebeu por essa enorme despesa.

E' inútil frizar que este facto gravíssimo não está apurado pelos sindicatos, que andam ás ordens dos que os nomearam e lhes pagam.

Os governos de Portugal entregaram os navios exalemaes de mão beijada à banca inglesa, e neles meteram os filhos do povo para irem arriscar e perder a vida, para a sua maior conveniência.

Os navios seguiram, é verdade afretados, mas por um preço mínimo, ridiculo e até vexatório, pois foram entregues à razão de 14 schilling e seis pence por tonelada e por mês, para serem logo reafretados a 65 schillings pelo afretado Furness.

Por aqui é que qualquer sindicato—com vontade de sindicat—princípios. Não será preciso apelar para os sete sábios da Grécia.

O grande estadista Afonso Augusto da Costa, autor desta presa, de sociedade com os tão conhecidos agentes da Furness, arranjaram este famoso contrato, cujo prejuizo para o Estado português é muito superior a oito milhões de libras, calculo feito sobre a tonelagem que esteve ao serviço dos ingleses, multiplicado pelo número de meses, e pelo frete que devia ser naquela época, e que, para segurança da afirmação, cotamos ao mínimo de 60 schillings por tonelada e por mês.

Foi este o maior escândalo da nossa entrada na guerra, foi esta a maior fraude dos T. M. E., e é certamente para apurarmos com muito cuidado estes números, que os sindicatos têm gasto os três últimos e meio a razão de sessenta escudos por dia cada um.

E' um antigo destes senhores, fazerem as grandes carapatas e depois pagarem a outros—à custa do país—para fazerem muito barulho de um lado contra os pequenos, enquanto os grandes se escapam por outro lado.

Aonde está o contrato com a Furness? Para onde foi o dinheiro dos afretamentos?

Quem fez esse contrato? Foi bom ou mau para o país? Respondam senhores juizes sindicantes. Já tomaram o depoimento do grande estadista e dos seus sócios e protegidos? São as respostas a estas perguntas, a que os srs. sindicatos não são capazes de responder, que se propõe dar ao publico se v. lho consentir, como espera, o dev. etc.

**PRO-PAZ...**  
SOFIA, 13. — A conferência dos embaixadores autorizou o aumento do exercito bulgaro em 4.000 homens para fazer face a qualquer movimento dos comunistas. — (R.)

**Os envenenadores**  
Alvaro de Almeida Costa veio mostrar-nos um pedaço de carne em péssimo estado de conservação que adquiriu no talho de Rodrigo Luis, na rua Pr. esidente Arraiga, 8.

E' esta gente que O Sento defende...

CARTA DO PORTO

A Câmara, a Carris e os anualistas em luta

A cidade defende-se com brio, produzindo ruidosas  
manifestações contra o poder do potentado

PORTO, 13. — Os anualistas andam radiantes de contentamento. Dois motivos fortes contribuem para isso: a declaração perentoria feita pelos vereadores e os anualistas que vieram de Lisboa e a atitude franca, agora sem tergiversações e sem nebulosidades, tomada pela imprensa contra a Carris.

Segundo os vereadores e os anualistas comissionados a cidade está victoriosa. O Porto está triunfante, o «povo» está integralmente vencedor.

A imprensa já concordou, mais desassombradamente, que é indispensavel meter na ordem a Companhia, «obrigando-a a fazer o serviço a que está obrigada pelos contratos»; já é de parecer que se torna urgente «em acabar com os caprichos duma olimpica entidade que desde há muito só sabe arrancar à economia cittadina, insaciavelmente, as últimas migalhas».

Registe-se para confrontos futuros. A plataforma apresentada pelo ministro do Interior para que os bilhetes da Câmara tivessem validade até à decisão do Tribunal do Comércio, foi bastante aplaudida pelos anualistas; mas ainda mais aplausos mereceu o prazo de 48 horas dado, em face do Severiano recusar a plataforma sem que ouvisse os seus colegas da pândega carlense, para que o «Soberano» da Companhia normalizasse inteiramente os serviços da viação electrica.

Com esta enérgica postura assumida pelo ministro do Interior, desfaz-se a péssima impressão que à sua volta se levantou: é que nós ouvimos, em alguns grupos de anualistas, palavras de duvida sobre o referido ministro, descobrindo-se que ele era aparentado com o Severiano: como se não decidia claramente, era indispensavel desmascará-lo.

Agora já não é preciso...  
**Uma grande manifestação contra a Carris**  
A manifestação que antecedeu se devia realizar de apoio à Câmara, só ontem é que teve lugar pelas 17 horas, na sala das sessões do Senado. De simples manifestação, passou a um comicio de ruidoso protesto e de ruidosas afirmações: a assembleia, pela boca de um orador rubramente aplaudido, declarou estar disposta até ao último sacrificio, até à luta violenta, para que a honra e o brio da cidade fiquem immaculados.

Dizer-se que nesta grandiosa e enérgica reunião o nome de Severiano José da Silva ficou desfeito em «dama» entre os frenéticos, calorosos apoiados da assistência indignada, não é para causar sensação.

A Câmara, os anualistas, não estão contra o poder judicial. A Carris, o Severiano, que tanto dizem respeito a magistratura, é que a ofendem com as suas desconfinças; e o Severiano dissera em Lisboa que não aceitava a plataforma ministerial porque não tinha confiança no Tribunal do Comércio.

E' que os juizes, di-lo o sr. Ramiro Guimarães, do Tribunal do Comércio não têm passaportes gratuitos da Carris pelos quais se possam subornar: registaram, pelo contrario, os favores da Carris.

Esta foi uma das importantes asserções feitas no comicio-manifestação effectivado ontem nos paços do concelho... Ora a corroborar esta afirmação, temos esta significativa passagem de um manifesto que ontem se distribuiu profusamente na Câmara Municipal:

«Essa concessão—a cláusula 24.—feita à cidade está à guarda da cidade, e esta só a perderá quando já não houver trépelos, ou quando no Porto não haja senão officiais de diligências e juizes integerrimos com toda a filiarada vivendo das receitas da Companhia».

Na reunião também foi salientada uma scena de pugilato entre uma pessoa de destaque no nosso meio official e um funcionario de Lisboa, por este chamar bandidos aos protestantes contra a Carris. Como o dito funcionario levou um correctivo, a assembleia fez uma ovação ao gesto defensivo da honra da cidade...

Um dos oradores, o sr. Russel Cortez, fez a afirmativa de que a Câmara não viera até nós por politica—veio, sim, pelo dever de homens de honra, homens de liberdade».

**O sr. Sousa Junior e o bolxevismo**  
O sr. Sousa Junior, porém, discordou e afirmou que a Câmara «está praticando uma acção politica», uma breve politica duma sociedade ameaçada perante um potentado. E como todos os partidos se criaram para a defesa dos interesses populares, aproveitou o ensejo para descrever a «acção dentro das comissões politicas do seu partido».

Está em período eleitoral? Como não aproveitar as circunstâncias? Foram dizer ao ministro que a Câmara é composta de bolxevistas. O sr. Sousa Junior que não se atemoriza com o apellido—que agora apparece em tudo como o peixe frito das romarias—orgulha-se dos «bolxevistas» terem ensinados em Lisboa «as boas normas do direito». E já que também ele é da Câmara e, portanto, «bolxevista», e já que o sr. Russel Cortez dissera que ainda que tenha de correr sangue pelas ruas, a prepotência severiniana não deve ser consentida—jurou, categoricamente, que se, passado o prazo de 24 horas que faltam ainda do 48 dado pelo ministro, não houver quem nos faça justiça, será a primeira pessoa a «morrer» na barricada...

O vice-presidente da Comissão Executiva da Câmara asseverou a victoria da cidade, definitiva, completa.

Todavia, o sr. Júlio Gomes dos Santos terminou o seu discurso, exteriorizando a «sua confiança na victoria final da cidade». E o comicio, isto é, a manifestação terminou aos vivas à Câmara, ao Porto, aos vereadores—depois dos costumados elogios miltuos aos sacrificios recíprocos...

**Mais uma manobra do Severiano?**  
Agora corre o boato de que o pensamento do Severiano é preparar as coisas de molde a que a Carris passe a uma Companhia americana, ficando ele a ser um dos principais accionistas—ficando a ser sempre ele... O diabo o jure... Terá alguma relação com o boato mais esta passagem do manifesto já referido: «Todos sabem que a Companhia só busca um fim—libertar-se da autoridade da Câmara Municipal—para ficar em campo com a plenitude dos meios de acção para garan-

Belezas da caserna

Quando ontem, no quartel de sapadores mineiros, andavam os soldados no exercicio de picadeiro, um deles caiu da montada e molestou-se, pelo que não pôde montar de novo. Em face disto o tenente Conceição, que costuma chamar aos soldados bestas e outras «delicadezas», intimou-o a fazê-lo imediatamente, acompanhando a intimativa de repetidas chicotadas.

Eis a concepção que esses senhores têm do que seja um soldado. E ainda se admiram que haja quem tenha horror à caserna.

Sociedades de recreio

**Grupo Dramático Musical Recreativo.**—Com um escolhido programa iniciam-se hoje neste grupo, as festas comemorativas do 13.º aniversário da sua fundação, devendo terminar no dia 29 do corrente.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

**Troupe Musical «Os Prestaveis».**—Comemora o seu 2.º aniversário com uma sessão solene, que se realizará amanhã, às 14 horas, um concerto às 16 e às 21 horas baile.

**Academia Filarmónica Verdi.**—Realizam-se hoje e amanhã as festas promovidas pela comissão escolar, em auxilio da escola desta Academia, havendo hoje, pelas 21 horas, um concurso de cegadas, de que fôr parte as ultimamente classificadas em diversos concursos, sendo conferidos três prêmios.

Amanhã, pelas 17 horas, conferência pelo dr. sr. Sá Oliveira, sobre o tema «Instrução», seguindo-se a representação dos dramas sociais «Amanhã» e o «Fado», pelo grupo dramático «Os Regulares».

**Descoberta arqueológica**  
CAIRO, 13. — As autoridades guardam acêra das descobertas arqueológicas que têm sido ultimamente feitas. Parece que as inscrições lidas em Sakkhara demonstram que foi encontrado o túmulo de Seneferu. O túmulo compõe-se de uma câmara que segundo parece tem paredes falsas. E' preciso alargar o póço que conduz a essa câmara para se poder começar os trabalhos de investigação. — (R.)

**São Carlos**  
O trabalho que todos os artistas têm no NINHO DE ÁGUIAS é digno de registro, porque todos eles deram ao conjunto um grande brilho, mas justo é destacar os artistas Lucinda e Lucila Simões, que têm nele admiráveis interpretações.

**O crime do bêco da Galheta**  
A propósito da local publicada no nosso número de anteontem, procurou-nos o cabo 140, da esquadra de Alcântara, sr. Pereira Felício, dizendo-nos que esteve de ronda na respectiva área, na quarta-feira passada, não tendo feito ou ordenado nenhuma apreensão de «A Batalha», para o que não recebera nenhuma indicação superior.

E' amanhã que, às 13 horas, sai da Morgue para o cemitério da Ajuda o funeral de Manuel de Brito, que a policia matou a sabrada.

Informam-nos de que o cabo da G. N. R., cujo depoimento recolhemos nas columnas de «A Batalha», vai ser castigado por ter dito a verdade.

O policia, que matou o Manuel de Brito, continua à solta.

**Universidade Popular Portuguesa**  
Por motivo de doença o dr. sr. Santa Rita não pode realizar amanhã, em Setúbal, a sua «anunciada» conferência. Em sua substituição o professor Emilio Costa realizará ali, na secção da Universidade Popular Portuguesa, uma conferência sob o tema: «A influencia dos portos de mar na vida economica».

Na «Sociedade Verdi» effectua amanhã, o sr. dr. Sá Oliveira, pelas 18 horas, uma conferência acêra de instrução.

**Apolo**  
O quadro novo com que foi ampliada a revista MOLA REAL, tornou-a sem favor a mais querida de todas as revistas, e para o atestar basta o reclame que o publico lhe tem feito.

**Tremor de terra na Sicilia**  
ROMA, 13. — Houve um violento tremor de terra na Sicilia oriental. Ficaram muitas casas danificadas. A população está atemorizada. — (R.)

**Cinema Gil Vicente**  
(A GRAÇA)  
Hoje Sábado, 14 de Março de 1925 Hoje  
SÓIÃO ÀS 20 HORAS  
COM UM PROGRAMA DESLUMBRANTE  
1.ª e 3.ª sessão  
Journal de Condes n.º 204  
O Filho de Madame Sans Gêne  
Reconstituição historica da epopiea napoleônica tendo por principal interprete  
HESPÉRIA  
Casamento Beethoven  
por Harry Pollard (Caralinda)  
Três semanas de férias  
Comedia burlesca por Léo Moran  
Brevemente: BAVU  
PREÇOS POPULARES

**Um inventor desesperado**  
Incendeia a sua casa e suicida-se com a esposa  
LONDRES, 13. — Um francês naturalizado inglês, tendo falhado as experiências feitas com um motor em que trabalhava há muitos anos, fechou-se com a sua esposa no seu quarto depois de ter largado fogo à casa. Os bombeiros encontraram os dois corpos meio carbonizados e com feridas produzidas por balas de revolver. — (R.)

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

NO APOLO

A revista «Mola real» com o novo quadro «A dança das libélulas»

O quadro novo «A dança das libélulas» com que os autores da revista «Mola real» a renovaram: é uma charge com espirito à opereta de Franz Lehar com este titulo. Aproveitamos os personagens a acção do novo quadro desenvolvem-se com vivacidade e bom humorismo. Ganharam a revista o desempenho da companhia, tendo um bom quinhão nele José David, Alberto Guimarães, Maria Litaly, Alda de Sousa e Guilhermina Paiva, que se meteram dentro dos papéis com vontade de acertar o que, não há dúvida, conseguiram.

NOGUEIRA DE BRITO

**Festas artísticas**  
E' esta noite que, no S. Luis, realiza a sua festa anual o actor Carlos Viana, com a primeira representação da célebre opereta de Franz Lehar «A Viuva Alegre», peça em que tem um brilhante trabalho no papel de Barão Zeta, e na qual a protagonista é desempenhada pela actriz cantora Alice Pancada.

**Noticias**  
A primeira peça nova que, na actual temporada, nos vai apresentar em S. Carlos a companhia Lucília Simões é o «Sinal do Alarme», graciosissima comédia de Hannequin e Coeque, que no original se intitula «Le sonnette d'Alarme», e que foi traduzida pelo escritor Acacio de Paiva.

—Amanhã, no Eden, realiza-se um espectáculo promovido pelo maquinista Saul Ferreira. O programa da recita inclui um acto de variedades, com Adeline Fernandes cantando os seus fados, acompanhada por vinte guitarristas. São válidos para recita os bilhetes com a data de 8 do corrente.

**Reclames**  
Lucinda e Lucila Simões são todas as noites vibrantemente aplaudidas em S. Carlos, pela forma magistral com que interpretam os seus papéis, no interessante original de Carlos Selvigson «Ninho de Águia». Nos finais dos actos os aplausos foram com a maior espontaneidade, envolvendo também Enrico Braga, Samuel Dinis e Hortense Luz.

—Vivette recomenda-se pelo seu lindo entrecoto, pelo «ótimo» desempenho que tem, pela encenação primorosa, pelos scenários em que há lindissimos trabalhos, e ainda pela tradução.

—Vivette repete-se hoje, com Ilda, Cronida, Albertina, Clemente, Rafael e Joaquim de Oliveira nos principais papéis.

—E' hoje que se realiza no Eden, a recita do estimado camaroteiro daquelle teatro, José Pinheiro, conatando o espectáculo da famosa revista «Fruto Proibido».

—Os últimos espectáculos da Companhia Otelio de Carvalho, no Eden, realizam-se com duas sessões. Terão entrada nesses espectáculos os bilhetes com a data de 13 de março.

—O teatro Apolo continua em maré de sorte com as suas sucessivas atrações que dia a dia se vão metendo na sua revista «A Mola Real».

—Hoje realiza-se no Coliseu dos Recreios um grandioso programa em que tomam parte todas as celebridades artisticas da nossa companhia de circo que, seleccionando os seus melhores, mais variados e mais interessantes trabalhos, entre os quais sobressaem o dos notáveis e aplaudidos clowns Rico & Alex e Irmãos Albano.

**Reconhecimento dum cadáver**  
Pelas impressões digitais colhidas no Instituto de Medicina Legal, foi reconhecido e identificado aquele indivíduo que há dias foi encontrado morto nas Escadilhas da Saúde. Chamava-se Manuel Francisco Fernandes Ruela, filho de João Maria Fernandes Ruela e de Polónia Rosa de Oliveira, natural de Estarreja (Murtosa), Contava 51 anos e residia na rua Garcia da Horta.

**OS QUE MORREM**  
António Maria Martins  
Faleceu ontem, com 50 anos de idade, vítima por uma congestão cerebral, António Maria Martins, que, desde a fundação do nosso jornal, transportava as suas fôrmas à officina de impressão, tendo-lhe por vezes prestado bons serviços.

Era um tipo muito popular no Bairro Alto, onde a noticia da sua morte se espalhou rapidamente.

O seu funeral realiza-se hoje, saindo, às 14 horas, da rua da Barroca, 76, 3.º, para o cemitério do Alto de São João.

José Mendes  
Faleceu o operário servente de pedreiro José Mendes. O seu funeral realiza-se amanhã, saindo o prestito fúnebre da Morgue, às 14 horas.

Falecimentos  
Na Morgue deu entrada Eduardo José da Cruz, de 69 anos, morador na estrada de Benfica, 416, que faleceu na residência sem assistência medica.

TEATRO NACIONAL

HOJE—HOJE  
A BRILHANTISSIMA PEÇA

HOJE, ÀS 9.45 DA NOITE  
Espectáculo inteiro  
Récita do camaroteiro José Pinheiro  
A sempre festejada e querida revista  
FRUTO PROIBIDO  
Têm entrada neste espectáculo os bilhetes com a data de 9 de Março

**VIVETTE**  
Admirável encenação de RAFAEL MARQUES  
Deliciosos scenários, novos, de Mergulhão, Campos, Oliveira e Baltazar Rodrigues  
Explêndida interpretação

**Ninho de Águia**  
representada com sucesso em Espanha, Lisboa e Porto  
HOJE a admirável peça de C. Selvigson  
Encenação da professora LUCINDA SIMÕES  
Protagonista LUCILIA SIMÕES  
Nos principais papéis, LUCINDA SIMÕES, ENRICO BRAGA, ORTENSE LUZ e S. DINIZ

**Teatro São Carlos**  
HOJE  
a admirável peça de C. Selvigson  
Encenação da professora LUCINDA SIMÕES  
Protagonista LUCILIA SIMÕES  
Nos principais papéis, LUCINDA SIMÕES, ENRICO BRAGA, ORTENSE LUZ e S. DINIZ

**Teatro Nacional**  
HOJE—HOJE  
A BRILHANTISSIMA PEÇA

HOJE, ÀS 9.45 DA NOITE  
Espectáculo inteiro  
Récita do camaroteiro José Pinheiro  
A sempre festejada e querida revista  
FRUTO PROIBIDO  
Têm entrada neste espectáculo os bilhetes com a data de 9 de Março

**VIVETTE**  
Admirável encenação de RAFAEL MARQUES  
Deliciosos scenários, novos, de Mergulhão, Campos, Oliveira e Baltazar Rodrigues  
Explêndida interpretação

**Ninho de Águia**  
representada com sucesso em Espanha, Lisboa e Porto  
HOJE a admirável peça de C. Selvigson  
Encenação da professora LUCINDA SIMÕES  
Protagonista LUCILIA SIMÕES  
Nos principais papéis, LUCINDA SIMÕES, ENRICO BRAGA, ORTENSE LUZ e S. DINIZ

**Teatro São Carlos**  
HOJE  
a admirável peça de C. Selvigson  
Encenação da professora LUCINDA SIMÕES  
Protagonista LUCILIA SIMÕES  
Nos principais papéis, LUCINDA SIMÕES, ENRICO BRAGA, ORTENSE LUZ e S. DINIZ

**Teatro Nacional**  
HOJE—HOJE  
A BRILHANTISSIMA PEÇA

HOJE, ÀS 9.45 DA NOITE  
Espectáculo inteiro  
Récita do camaroteiro José Pinheiro  
A sempre festejada e querida revista  
FRUTO PROIBIDO  
Têm entrada neste espectáculo os bilhetes com a data de 9 de Março

**VIVETTE**  
Admirável encenação de RAFAEL MARQUES  
Deliciosos scenários, novos, de Mergulhão, Campos, Oliveira e Baltazar Rodrigues  
Explêndida interpretação

**Ninho de Águia**  
representada com sucesso em Espanha, Lisboa e Porto  
HOJE a admirável peça de C. Selvigson  
Encenação da professora LUCINDA SIMÕES  
Protagonista LUCILIA SIMÕES  
Nos principais papéis, LUCINDA SIMÕES, ENRICO BRAGA, ORTENSE LUZ e S. DINIZ

**Teatro São Carlos**  
HOJE  
a admirável peça de C. Selvigson  
Encenação da professora LUCINDA SIMÕES  
Protagonista LUCILIA SIMÕES  
Nos principais papéis, LUCINDA SIMÕES, ENRICO BRAGA, ORTENSE LUZ e S. DINIZ

**Teatro Nacional**  
HOJE—HOJE  
A BRILHANTISSIMA PEÇA

HOJE, ÀS 9.45 DA NOITE  
Espectáculo inteiro  
Récita do camaroteiro José Pinheiro  
A sempre festejada e querida revista  
FRUTO PROIBIDO  
Têm entrada neste espectáculo os bilhetes com a data de 9 de Março

**VIVETTE**  
Admirável encenação de RAFAEL MARQUES  
Deliciosos scenários, novos, de Mergulhão, Campos, Oliveira e Baltazar Rodrigues  
Explêndida interpretação

**COLISEU DOS RECREIOS**  
HOJE—às 21 h. (9 da noite)—HOJE  
Surpreendente e sensacional espectáculo da  
NOVA COMPANHIA DE CIRCO  
Incomparável acto do notavel artista FRED CARRO  
com a sua interessante-fantasia comica no palco  
UMA ENORME GALINHA A POR OVOS  
Incubação rapida—bêbidos pintalinos  
O celebre atleta LAPENGE  
O maior prodigio de força muscular  
RICO & ALEX IRMAOS ALBANOS  
Os autenticos reis da gaulinhada  
O melhor, mais variado e mais barato espectáculo  
de Lisboa  
Amanhã—GRANDIOSA «MATINEE»  
Entrada gratuita as crianças até 10 anos  
BILHETES A VENDA  
CAFÉ DO COLISEU  
Filmes, «lunch» e ceias por preços módicos  
Conversos por céptos ex-alunos  
do Instituto Branco Rodrigues de tarde e a noite

**TEATRO APOLO**  
HOJE E TODAS AS NOITES  
EM DUAS SESSÕES  
A INTERESSANTISSIMA REVISTA  
**MOLA REAL**  
amplissima com o NOVO QUINHO  
**A DANSA DAS LIBÉLULAS**  
Scenários brilhantes  
Alegria estonteante  
Colossal êxito

**Teatro São Carlos**  
HOJE  
a admirável  
peça  
de  
C. Selvigson  
representada com sucesso  
em Espanha, Lisboa e Porto  
Encenação da professora  
LUCINDA SIMÕES  
Protagonista  
LUCILIA SIMÕES  
Nos principais papéis, LUCINDA SIMÕES,  
ENRICO BRAGA, ORTENSE LUZ e S. DINIZ

**Teatro Nacional**  
HOJE—HOJE  
A BRILHANTISSIMA PEÇA  
HOJE, ÀS 9.45 DA NOITE  
Espectáculo inteiro  
Récita do camaroteiro José Pinheiro  
A sempre festejada e querida revista  
FRUTO PROIBIDO  
Têm entrada neste espectáculo os bilhetes com a data de 9 de Março

**VIVETTE**  
Admirável encenação  
de RAFAEL MARQUES  
Deliciosos scenários, novos,  
de Mergulhão, Campos, OLIVEIRA  
e BALTAZAR RODRIGUES  
Explêndida interpretação

**Ninho de Águia**  
representada com sucesso  
em Espanha, Lisboa e Porto  
HOJE a admirável  
peça  
de  
C. Selvigson  
Encenação da professora  
LUCINDA SIMÕES  
Protagonista  
LUCILIA SIMÕES  
Nos principais papéis, LUCINDA SIMÕES,  
ENRICO BRAGA, ORTENSE LUZ e S. DINIZ







